

## Editorial

# Sobre a Aguaxima e outras peculiaridades da *Flora Brasiliensis*

Se folhearmos a *Enciclopédia, ou Dicionário Lógico das Ciências, Artes e Ofícios, etc.*, esta monumental obra redigida sob a égide de Denis Diderot e Jean le Rond d'Alembert na segunda metade do século XVIII, encontraremos logo nas primeiras páginas (e do próprio punho de Diderot) um de seus mais instigantes verbetes. Para satisfazer a curiosidade de nossos leitores, transcrevo-o abaixo [1]:

*\*AGUAXIMA, (Hist. nat. bot.), planta do Brasil e outras ilhas da América do Sul.* Isso é tudo que nos foi dito a seu respeito e eu gostaria de saber a quem se destinam tais descrições. Não deve ser para os nativos do país em questão, os quais certamente sabem mais sobre a Aguaxima do que o aqui contido e que não precisam ser ensinados que ela cresce em seu país; seria o mesmo que dizer a um francês que a pereira é uma árvore que cresce na França, na Alemanha, etc. Para nós também não é, pois o que nos importa saber que há no Brasil uma árvore por nome Aguaxima, se nada mais sabemos a seu respeito a não ser o nome? E a quem serve um nome? Ele deixa o ignorante no mesmo estado em que se encontra e ao resto nada ensina. E, mesmo assim, se cito aqui esta planta, junto a tantas outras tão pobremente descritas, é em consideração a certos leitores que preferem encontrar algo sem valor ou até estúpido em um verbe de um dicionário do que nem o verbe encontrar.

A quem serve uma descrição desprovida de conteúdo ou quiçá errada? Numa época em que somos constantemente bombardeados com notícias de livros didáticos um tanto quanto controversos, cabe a pergunta: e quem garante a qualidade da física por nós publicada? Em um país onde o “aguaximismo” parece estar se tornando cada vez mais a norma, onde o que importa é o dizer (ou publicar), independente se o material é ou não relevante ao contexto onde pretende se inserir, há de se manter um padrão de qualidade que não admita meios-termos quando se trata de uma revista de ensino de física. Isto vale também para aquilo que julgamos ser de interesse para nosso público: o que ele espera encontrar nas páginas da RBEF?

A tarefa não é simples: com 437 artigos submetidos via o sistema *online* e 218 anteriores a ele, temos procurado ser bastante rigorosos. Ao longo destes meses à frente da RBEF, constatamos que os artigos aceitos apresentam algumas características comuns:

- (i) em primeiro lugar são textos bem redigidos, em uma linguagem precisa e bem estruturada, com clareza de propósitos e descrição de métodos. É enganoso pensar que a complexidade do tema seja uma condição *sine qua non* para que o artigo seja aceito. A aparente simplicidade de alguns temas escondem por vezes verdadeiras jóias. A formatação é também um item importante: se muitas vezes rejeitamos um artigo pedindo que os autores modifiquem este ou aquele formato, não estamos com isso fazendo um julgamento de valor, mas sim preocupando-nos em tornar o processo editorial mais eficiente e rápido. Uma vez aceito, um artigo já escrito dentro das especificações da revista poupa-nos tempo e recursos, que são oriundos de edital específico do CNPq para publicação de periódicos nacionais.
- (ii) Artigos por muitas vezes específicos são aceitos, pois seus autores fizeram um grande esforço em torná-los acessíveis e interessantes. Por vezes uma pequena mudança de foco basta. Cito um exemplo: recebemos recentemente um excelente artigo acerca da dedução da lei de Stefan-Boltzmann usando ideias da teoria quântica de campos a temperatura finita, mas que partia do pressuposto que o leitor já dominasse as técnicas ali empregadas. Embora muito bem escrito, o artigo certamente atingiria um público muito restrito; deste modo nossa sugestão ao autor foi a de escrever um artigo

que primeiro introduza a técnica em um contexto mais geral para então aplicá-lo a um problema mais específico. .

Em resumo: a qualidade da revista se deve não só ao seu corpo de pareceristas que, no anonimato, fazem seu trabalho com paciência e um profissionalismo ímpar como também ao esforço de nossos autores em tornar a física mais viva e interessante. Contrariando Diderot, talvez seja sim possível ensinar aos nativos que a Aguaxima tem lá suas facetas novas e inusitadas. Este é o objetivo que, acredito, deva nos nortear.

Em tempo: a Aguaxima (*Urena lobata* L.), também conhecida como Guaxima ou Carrapicho-do-Mato, não é nativa do nosso país, embora tenha sido eternizada pela pena de Diderot como se assim fora.

Sílvio R. Dahmen  
Departamento de Física  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## Referências

- [1] *Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers, etc.*, editado por Denis Diderot and Jean le Rond D'Alembert. Disponível em ARTFL Encyclopédie Project, University of Chicago editado por Robert Morrissey, (Spring 2011 ed.), <http://encyclopedie.uchicago.edu>. Acessado em 11 de junho de 2011.